

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA - ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO -
RETROSPETIVA MOCKUMENTARY
2 e 9 de maio de 2026

MARCEL THE SHELL WITH SHOES ON / 2021

(Marcel, A Concha com Sapatos)

Um filme de Dean Fleischer Camp

Realização: Dean Fleischer Camp / *Argumento:* Dean Fleischer Camp, Jenny Slate, Nick Paley, baseados numa história de Dean Fleischer Camp, Jenny Slate, Nick Paley, Elisabeth Holm / *Montagem:* Dean Fleischer Camp, Nick Paley / *Casting:* Jessica Kelly / *Design de Produção:* Liz Toonkel / *Direção Artística:* Jake Tremblay / *Decoração:* Ahmed Delgado / *Guarda-roupa:* Jamie Catino / *Animação:* David Braun, Richard Kent Burton, Jeremy Fischer, Yizhou Li, Josh Mahan, Tennessee Reid Norton, Matt Somma, Sarah Tejada / *Interpretações:* Jenny Slate (Marcel), Dean Fleischer Camp (Dean), Isabella Rossellini (Connie), Joe Gabler (Haysack Rep), Lesley Stahl (Lesley Stahl), Rosa Salazar (Larissa), Thomas Mann (Mark) / *Cópia:* DCP, falado em inglês com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 90 minutos / *Estreia Mundial:* 3 de setembro de 2021, Telluride Film Festival / *Estreia Nacional:* 1 de maio de 2023, Internet/ *Primeira passagem na Cinemateca.*

Dir-se-ia que uma concha deveria ser um invólucro calcário inanimado. Mas a magia animista do cinema permite contrariar a definição de qualquer dicionário e encher de alma aquilo que à partida seria oco. A maravilhosa criação de Dean Fleischer Camp e da sua então mulher Jenny Slate começou como uma brincadeira espontânea, um desejo de entreter conjugado com um impulso natural para a improvisação (Slate ganhou estaleca como atriz no teatro de improvisação e na comédia). Uma concha, um olho e uns sapatos pequenos de plástico (do brinquedo Polly Pocket) foram o suficiente para que Marcel ganhasse vida e viesse aquecer a nossa humanidade arrefecida. Faltava, enfim, ao cinema permitir que o pequeno e improvável herói contasse a sua história “de viva voz”. Terá ajudado aqui o talento multifacetado de Camp como montador, realizador e argumentista. A voz propriamente dita – elemento essencial na caracterização de Marcel – pertenceu e pertence à então companheira, Slate.

O sucesso planetário de três curtas-metragens, realizadas em 2010, 2011 e 2014, originou um par de livros e vários artigos de *merchandising*. Os dados estavam lançados para que se seguisse (apetece dizer, “a pedido de várias famílias”) uma longa-metragem feita com tempo e algum dinheiro (trata-se de uma produção com a marca da poderosa A24). Um projeto que custou ao casal cerca de sete anos nas suas vidas e o casamento de ambos (algo que é aludido no próprio filme, já que Camp está sempre presente, se não *on screen*, pelo menos *off screen*, atrás da câmara, dando conversa à pequena concha faladora), mas que lhe valeu uma nomeação aos Óscares e um sucesso de público e de crítica apreciáveis, desde logo, tendo em conta a pequenez original do projeto.

Com efeito, o primeiro aspeto que salta à vista é o dispositivo do “falso documentário” integrando a animação *stop-motion* que dá vida a Marcel e familiares. Não deixa de ser digna de nota a verificação de que a coisa mais *extraordinária* neste filme esteja não no espantoso efeito animista – resultado de um complexo trabalho de animação que o correr dos créditos finais pode atestar – mas no invólucro documental. É ele que acolhe estas histórias e dimensiona as suas personagens “postas em relação”. A primeira grande novidade a este nível, digamos, mais dramático diz respeito à adição de uma personagem ao universo de Marcel, por comparação com as curtas anteriores, que eram “one shell shows”: falo da avó Connie, com voz da inconfundível Isabella Rossellini. Se, nas curtas, Marcel era um misto de “relatador”/“stand-up comedian” das dificuldades e proezas que compõem o seu dia-a-

dia, nesta longa, a força do filme radica na relação da pequena concha com a sua única companheira “concha da sua concha”. Por via dessa relação tão calorosa e comovente, **Marcel the Shell with Shoes On** torna-se, por assim dizer, um inesperado “anima-doc” sobre a perda e o amor neto-avó.

Há, contudo, um efeito-espelho interessante, e que importa dissecar, entre o primeiro vídeo que foi colocado no YouTube em 2010, gerando milhões de visualizações, e a história narrada nesta longa-metragem: *no filme*, a vida de Marcel é documentada por Camp numa espécie de *vlog* que lhe vai granjear uma popularidade inusitada. O sucesso é tal que o programa favorito de Marcel e sua avó, decide entrevistar a pequena concha e investigar o paradeiro dos familiares que ficaram perdidos, alegadamente durante uma acidentada mudança. Nada mais, nada menos do que o programa de investigação jornalística *60 Minutes* – de novo teremos, aqui, a realidade a intrometer-se na ficção mais absurda. Portanto, e em suma, Marcel foi, *de facto*, um fenómeno YouTube no já remoto ano de 2010 e foi consolidando a sua presença no ciberespaço como uma espécie de mascote por uma humanidade pe(r)dida, fazendo do “humano” conteúdo principal da sua concha. Pois agora, na longa-metragem, Marcel (re)conta esta história, mantendo o registo original de relato (de *report*) e acrescentando a este nada mais, nada menos do que uma investigação *60 Minutes* sobre o paradeiro da sua família e amigos. É um delicioso embate da ficção com o real, e um lembrete para começarmos a estimar as nossas coleções de conchas, quer dizer, aquilo que de concreto reunimos e mantemos no nosso mundo. Um hino às pequenas grandes coisas que apanhamos lá fora, onde a vida é frágil e, por vezes, sabe ser tão surpreendente e magnífica.

Luís Mendonça